

# NYDIA LICIA PINCHERLE CARDOSO<sup>1</sup>

(Trieste, Itália, 1926; S. Paulo, Brasil, 2015)



Nydia Licia Pincherle Cardoso, S. Paulo, 22.2.1990.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Pincherle Cardoso/SP; Arqshoah-Leer/USP.

---

1 Entrevista 1: concedida por Nydia Licia Pincherle Cardoso a Maria Luiza Tucci Carneiro. S. Paulo, 22.2.1990 (gravada em áudio). Entrevista 2: concedida a Rachel Mizrahi, coordenadora da Equipe de História Oral do Arqshoah-Leer/USP. S. Paulo, 16.3.2010. Gravação em áudio: Lilian Souza. Transcrição: Daniel Loeb. Transcrição: Rachel Mizrahi e Maria Luiza Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

## *Minhas raízes ítalo-judaicas*

Meu nome é Nydia Licia Pincherle Cardoso. Nasci em Trieste, norte da Itália, em 30 de abril de 1926. Emigrei para Brasil no dia 12 de maio de 1939, aos 13 anos de idade. Meu pai se chamava Giacomo Giuseppe Pincherle, mas nunca usava esse nome, e sim, “Pino”, que é diminutivo de Giuseppe. Em todos os seus trabalhos científicos, ele assinava como Pino Pincherle. Ele nasceu em Trieste, em 26 de julho de 1893, e faleceu em S. Paulo, em 30 de outubro de 1966. Seus pais (meus avós paternos) chamavam-se Emma Pincherle, natural de Trieste, e Erminio Pincherle, natural de Gorizia. Ambos faleceram em S. Paulo.



Trieste, cidade natal de Nydia Licia.  
Google Maps.

### *Nydia Licia Pincherle Cardoso*

Minha mãe chamava-se Alice Schwarzkopf e, após o casamento, acrescentou Pincherle ao sobrenome de solteira. Ela nasceu em Fiume, perto de Trieste, em 10 de outubro de 1900, e faleceu em S. Paulo, com 72 anos, em 10 de junho de 1973. Era uma típica mãe italiana, italianíssima. Seus pais, meus avós maternos, chamavam-se Luisa Schwarzkopf, nascida em Trieste, em 1873 e, ali mesmo, faleceu em 13 de janeiro de 1950, com 76-77 anos; e Emil Schwarzkopf, que nasceu em Pilsen, em 1865, e faleceu em Trieste, em 1936, com 70-71 anos. Assim, a família dos meus avós maternos era originária de Pilsen (*Plzeň* em tcheco), do Império Austro-Húngaro. Minha mãe tinha uma irmã: Anita Schwarzkopf.



Avós maternos de Nydia Licia: Emil Schwarzkopf (primeiro à esquerda, terceira fila) e Luisa Schwarzkopf (primeira à esquerda, sentada). Alice Schwarzkopf (terceira menina à esquerda, sentada no chão, depois mãe de Nydia Licia) e Anita Schwarzkopf (terceira menina à direita, sentada no chão). Trieste, 1910. Fotografia não identificado.

Acervo: Pincherle Cardoso/SP; Arqshoah-Leer/USP.

É interessante essa questão dos nomes: meu irmão chamava-se Lívio Tulio, assim como eu me chamo Nydia Licia. Muito italianos e com nomes bem latinos, que não podem ser traduzidos. Meu pai se chamava Giacomo ou Giuseppe, quando estudava na escola alemã. Quando foi estudar em Viena, seu nome ficou “Giacomo Biosef” e, na França, atendia

pelo nome de Giacomoge Zefé. No Brasil, Giacomo era José. Por isso, ele sempre alterou seu nome para Pino.



Nydia Licia e a mãe Alice Schwarzkopf Pincherle. Trieste, s. d.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Pincherle Cardoso/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Mamãe, com o nome Alice, era chamada de Elice e Alice. Meu pai sempre nos dizia que, para não criar confusão, decidiu dar aos filhos nomes latinos que não podiam ser traduzidos. Foi a nossa sorte. O mesmo aconteceu com minha filha Sylvia Luisa Pincherle Cardoso Leão.

## ***Nossa identidade política***

Meus pais viveram a juventude na época de Francisco José, imperador da Áustria e Hungria. Mamãe nasceu no lado húngaro e papai no lado austríaco, mas os dois eram italianos, ele médico e ela crítica de arte. A cidade de Trieste era incrivelmente italiana. Mas eles eram irredentistas, ou seja, queriam a liberdade da própria cidade, da religião e lutavam de todas as maneiras em favor da Itália. Papai participou da campanha de “irredentismo”, de luta dos italianos dos territórios ocupados pela Áustria em prol da volta destes para a Itália.



Muitas pessoas morreram, outras foram presas. Papai chegou a ser preso e condenado à morte pela Áustria por crime de lesa-majestade. Mas, naquela época, nasceu um herdeiro, filho do imperador, e pela tradição foi dado indulto, e papai foi perdoado.

Mamãe, durante a guerra de 1914, teve que fugir, pois tanto ela como minha tia e minha avó pertenciam a Liga Nazionale Italiana. Ajudavam a angariar fundos para ajudar aqueles que quisessem sair da Itália. Assim, em casa, havia toda uma tradição política e cultural muito forte, enraizada na identidade de cada um de nós.

Quando estourou a Primeira Guerra Mundial, meu tio paterno Bruno Pincherle, mais moço que papai, fugiu para o lado italiano para combater na Itália. Meu pai ficou, porque era estudante de medicina e, por isso, foi convocado imediatamente. Ele era suspeito de ser “irredentista”, movimento favorável à Itália. Durante a guerra, ele trabalhou em um hospital e, dessa forma, ajudou muitos prisioneiros. Ele conseguia comida, tratava de gente pobre sem cobrar nada, recebendo em troca uma galinha, por exemplo. Assim ajudava os presos a ter uma vida um pouco melhor.

Mamãe também encontrou dificuldades, pois fazia parte desse movimento, assim como minha avó materna, Luisa Trevis Schwarzkopf, nascida em Trieste. Eram todos a favor da Itália. Uma noite aconteceu um caso milagroso, estranho: meu avô, passeando em Trieste, viu um homem perto do mar, muito próximo das ondas. Ele pensou: “Meu D’us, esse homem vai cair!”. Cuidadoso, aproximou-se devagar e percebeu que esse homem estava no “vou ou não vou me atirar”. Meu avô colocou a mão no ombro do homem e disse:

– O senhor precisa de alguma coisa?

O homem começou a chorar desesperado, dizendo que precisava morrer:

– Eu preciso me matar, estou devendo uma fortuna e não posso pagar. Se eu morrer, a dívida morre comigo, então meus filhos poderão continuar a vida. Mas, se for preso, a vida acabará para eles.

Meu avô perguntou-lhe:

– Quanto você deve?

O homem disse quanto devia... Não era uma quantia absurda, não. Meu avô, então lhe respondeu:

– Está bem. Eu lhe dou esse dinheiro: pague suas dívidas e, quando o senhor puder, me devolva.

Ficaram amigos. Meu irmão Lívio escreveu, muitos anos mais tarde em um de seus livros publicados no Brasil, que nosso pai, médico, tinha entre seus inúmeros pacientes uma senhora cuja vida ele havia salvado. Ela era a esposa desse chefe da polícia de Trieste, aquele mesmo senhor que lhe era profundamente grato. Meus avós e meus pais arrumaram a mala e fugiram para Viena, na Áustria. De lá foram para Gratz, cidade menor no interior da Itália, mas culturalmente ativa, possuindo, inclusive, uma universidade. Ninguém iria procurá-los por ali, pois não imaginariam que uma pessoa que era contra a Áustria se esconderia no próprio país. E foi a salvação.

Em Gratz, mamãe estudou piano e frequentou a Faculdade de Medicina como aluna-ouvinte. Fez quatro semestres de medicina, interessou-se por radiologia, escultura, canto e piano. Depois teve um abscesso pulmonar que a fez perder a voz. Continuou apenas com os estudos de piano. Enquanto isso, papai estudava radiologia e medicina em Viena. Portanto, eles falavam alemão perfeitamente e se davam muito bem com os alemães, convivendo em um ambiente de muita cultura.

Meu tio Bruno, irmão de papai, conseguiu fugir e atravessar a fronteira para o lado italiano, vindo a combater pela Itália. Papai, muito visado pela polícia, não pôde segui-lo e também porque estava preocupado em deixar seus pais sozinhos. Continuou estudando medicina. Minha avó paterna era doméstica e meu avô trabalhava com café. Inclusive, ele chegou a vir para o Brasil fazer negócios com esse produto. Mas voltou logo para a Itália. Acabou vindo para o Brasil apenas em 1972, cego e como imigrante. Quantas voltas não dá este mundo, não é mesmo?

Passsei meus primeiros anos de vida em Trieste, já com a nacionalidade italiana, pois, no final da guerra de 1918, essa cidade passou para a Itália. O que não foi um bom negócio, porque, naquela época, a Áustria era, com único porto, uma cidade riquíssima. Quando se tornou italiana, passou a concorrer com Gênova, porto onde se construíam navios. A Itália era toda rodeada pelo mar, e uma cidade com um porto a mais não faria muita diferença. Para a Áustria não: era importantíssimo. Mas todos ficaram satisfeitos pelo ponto de vista patriótico.

Trieste – onde viviam muitos judeus que chegavam do Oriente [levantinos] – era vizinha de vários países onde se falavam o italiano e o alemão, idioma obrigatório em algumas escolas. Em Trieste havia um gueto que foi, em grande parte, demolido.<sup>A</sup> Tanto a Via degli Artisti como a Via del Monte estão hoje localizadas no antigo bairro judaico, o *ghetto*. Vale lembrar que Trieste tornou-se um importante porto de passagem para milhares de judeus que fugiam dos nazistas em busca de um abrigo seguro em alguma parte do mundo.



A Nova Sinagoga de Trieste, situada na Via San Francesco d'Assis, nº 19, é o símbolo da integração da comunidade judaica à sociedade triestina. Cartão-postal, s. d. Disponível em: <[http://www.irsml.eu/percorso\\_tolleranza/img/foto/sinagoga\\_2.jpg](http://www.irsml.eu/percorso_tolleranza/img/foto/sinagoga_2.jpg)>. Acesso em: 31 jul. 2017.

A- A palavra gueto é de origem veneziana, sendo o de Veneza o mais antigo do mundo (1516), seguido pelo de Roma (1555). O antigo gueto de Trieste foi criado em 1696 por Leopoldo I de Habsburgo. O velho gueto, citado aqui por Nydia Licia Pincherle, ocupava a área que se estende desde o edifício da Bolsa de Valores até a Piazza Unità. Hoje, pouco resta do seu traçado original, tendo se transformado em uma região “da moda”, com livrarias, antiquários, galerias de arte e restauro, animada pela Feira da Ladra aos domingos, como ocorreu com vários outros guetos da Europa. Em 1938, com a promulgação das leis raciais por Mussolini, os judeus triestinos foram proibidos de deixar a Itália, sem poder entrar na cidade ou sair dela. Mesmo assim, centenas de judeus esconderam-se no interior da cidade que desempenhou um papel importante ao ajudar os judeus da Europa Central a fugir das perseguições nazistas. Trieste, que chegou a abrigar cerca de cinco mil judeus, era chamada de “porta de São”. Na Via del Monte, eram acolhidos os visitantes judeus que usavam o porto de Trieste para fugir do nazismo, local onde está hoje o Museo della Comunità Ebraica di Trieste “Carlo e Vera Wagner”. Por ali passou o cientista Albert Einstein, entre muitos outros fugitivos.

## *Diante das leis raciais na Itália fascista*

Na Itália, até 1938, não se falava sobre o sentimento do antissemitismo. De repente as leis começaram. O triste foi que Mussolini foi justamente para Trieste, onde pronunciou

o seu primeiro discurso antissemita. Na minha cidade...! Imagine! Foi quando começaram as reações: as lojas dos judeus foram apedrejadas; precisávamos tomar muito cuidado andando sempre em grupo pelas ruas. Não podíamos andar sozinhos, pois provocações sempre aconteciam. Dizer que não é mentira! As pessoas começaram a ter que se defender. Como judeus não podíamos ter empregados domésticos. E o mais grave é que nos restaurantes foram afixados cartazes com o seguinte aviso, assim como acontecia na Alemanha: “Proibida a entrada de mendigos, cães e judeus”. Hitler mandou! Não havia escolha.

Não podemos nos esquecer de que por trás disso tudo havia a guerra da Abissínia. Aproximadamente 52 países declararam sanções à Itália, e Hitler se aproveitou, imediatamente, para conseguir o Pacto Roma-Berlim. Quando Hitler quis invadir a Áustria com o objetivo de anexá-la, Mussolini se opôs e mandou o Exército para a fronteira. Hitler recuou pela primeira vez! Mussolini estava se sentindo importantíssimo com poder! Poder! Era o Império Italiano! Porém, como Mussolini não era antissemita, deu ordens para que todos os colégios “Dante Alighieri” localizados fora da Itália recebessem alunos judeus. Tanto é que, assim que chegamos a S. Paulo, meu irmão Tulio e eu fomos estudar no Colégio Dante Alighieri.

O rei, coitadinho que era aquela coisinha mínima, covarde, apavorado, não servia para nada. E era “rei da Itália, imperador da Etiópia e da Albânia”. Nunca vi ninguém mais covarde. Nunca vi ninguém mais incompetente. Porque, mesmo depois quando prenderam Mussolini e tudo mais, a atitude do rei foi horrível. Ele não se decidia! A Itália poderia ter saído dessa guerra de outra maneira.

Os judeus, nessa época, pertenciam à burguesia italiana: oficiais, coronéis, advogados, médicos etc. Gente de nível! Eram aceitos em qualquer lugar...! Não devemos nos esquecer de que, na Itália, não havia guetos obrigatórios. Havia sim o gueto de Roma, por exemplo, onde os próprios habitantes preferiam ficar com as portas fechadas à noite, por uma questão de segurança. Em Trieste, havia um gueto que era o lugar onde íamos comprar móveis, quadros etc. Os judeus italianos eram religiosos, mas não ortodoxos. Não me recordo se em Trieste havia pessoas que comiam alimentos *kosher*\*. Em Florença sim, havia muitos judeus ortodoxos. Minha família, por exemplo, embora não seguisse a ortodoxia judaica, frequentava a sinagoga nos dias de festas que, aliás, comemorávamos; aliás, meu avô



fazia questão! E os israelitas eram todos casados entre si. Eu passei a ir à sinagoga quando começaram as perseguições religiosas. Mas foi mais uma atitude de uma menina de 12 anos de idade, uma atitude de protesto dos jovens:

– Eu vou... Mesmo com os guardas do lado de fora! Mesmo correndo o perigo de ser apedrejada! O que eles pensam, que vou ter medo deles? Então, eu vou!

Todos nós ficamos estarecidos diante da promulgação das leis raciais, surpresos. Até então, eu sabia que era judia e ponto final. Íamos à sinagoga nas festas; meu avô era religioso e pertencia à congregação. Os mais velhos eram mais religiosos que os mais jovens. Mas sabíamos que éramos judeus, respeitávamos o *Rosh Hashaná\** e o *Yom Kipur\** – as grandes festas. No *Pessach\**, semana de Páscoa, comíamos somente o pão ázimo. Enfim, respeitávamos os feriados judaicos normalmente. Éramos italianos de religião judaica, não somente eu, mas praticamente todos os judeus na Itália.

Em 17 de novembro de 1938, foi promulgado o “Provvedimenti per la difesa della razza italiana” como parte da campanha contra os judeus que proibiam os casamentos entre cidadãos italianos de raça ariana e pessoas pertencentes a outra raça. Esse estatuto personalizava e generalizava o princípio contido no decreto de abril de 1937, proclamando o ilícito penal do casamento nessas condições. Diante do endosso de uma política antisemita pelo governo fascista de Mussolini, os judeus foram obrigados a deixar a Itália, somando-se aos milhares de refugiados políticos que vagavam pela Europa em busca de um refúgio seguro.

Em 1938, diante da postura antisemita do governo de Mussolini, tudo mudou. Papai perdeu a cátedra na Universidade de Milão e a direção do Hospital Municipal de Trieste. Foi obrigado a vender, às pressas, o sanatório para tratamento de tuberculose que era o mais moderno da Itália e que ele havia construído. Esse sanatório ficava localizado em Aurisina, próximo de Trieste. Mamãe perdeu o lugar de crítica musical do jornal *Populi di Trieste*. Foi despedida. Lívio, meu irmão (um ano e meio mais velho que eu), e eu tivemos que sair da escola, pois estudávamos no Colégio Dante Alighieri, que passou a proibir a frequência de judeus. Eu estava iniciando o terceiro ano colegial.

Começamos a frequentar uma escola judaica, pois as escolas públicas passaram a ser proibidas para nós. Todos os professores judeus foram mandados embora. Nós tivemos sorte: nossos professores foram maravilhosos. Reuniram-se e formaram uma nova escola só

para jovens judeus expulsos de outras escolas. Estudei nessa escola durante alguns meses: fiz o terceiro colegial do mês de outubro de 1938 até o fim de abril de 1939, quando, então, decidimos emigrar para o Brasil. Muita gente não acreditava: “Não, a Itália não é como a Alemanha!”. Apesar do exemplo da Alemanha, muita gente ficou na Itália.

Aí começamos a frequentar a sinagoga. Éramos jovens e ninguém mandava na gente. Mas começamos a frequentar a sinagoga às sextas-feiras. O rabino-mor da Itália se chamava Israel Zolli. Ele olhava com certa desconfiança o grupo de rapazes e moças que, de repente, entravam na sinagoga. Os homens ficavam embaixo, e nós, mulheres, em cima. A Sinagoga de Trieste é muito grande e bonita. Ficávamos em um canto, todos juntos. Ele olhou, viu que fomos um dia, uma sexta-feira, depois na seguinte e na terceira também. Na quarta, ele nos chamou e disse estar comovido de ver jovens que só agora tinham resolvido frequentar a sinagoga, em momento tão difícil. Havia muitas pichações, suásticas pintadas na sinagoga do lado de fora. Muita gente gritava, pois as coisas começaram a tomar rumo muito desagradável.<sup>A</sup>

## *Atos de resistência e solidariedade*

As lembranças da minha infância não vão embora. Engraçado, se me perguntarem aonde eu fui anteontem, eu preciso pensar. Mas, se me perguntarem o que eu fazia aos 10 anos, eu me lembro! Chegamos ao Brasil em 1938, como eu já disse. Lembro que, depois da guerra, um tio veio ao Brasil mostrando-nos um documentário sobre os campos de concentração. Houve gente que não acreditou. A gente sabia

**A-** A história da Nova Sinagoga de Trieste expressa as conquistas e os desencantos da comunidade judaica na Itália. Está localizada perto da Piazza Unità d'Italia e da Via del Monte, onde hoje há escolas judaicas e o Jewish Museum Comunidade “Carlo e Vera Wagner”. Em janeiro de 1907, o projeto começou a ser executado por Roger Berlam e o filho Arduino, e, em 21 de junho de 1908, foi lançada a pedra fundamental desse novo templo judaico. Inaugurado em junho de 1912, o templo segue o rito alemão. Identificado como símbolo da presença judaica em Trieste, tornou-se alvo de ações antisemitas e nazifascistas e, principalmente, após a promulgação das leis raciais fascistas em 1938 e na época em que os nazistas ocuparam a cidade. Em outubro de 1941, teve suas paredes externas pichadas com *slogans* abusivos característicos da propaganda antisemita que circulavam na época. Em 18 de julho de 1942, a sinagoga foi devastada internamente por um grupo de fascistas que, dessa forma, procuraram agredir a comunidade judaica triestrina. Com a ocupação nazista, em 1944, transformou-se em um armazém para guardar os bens confiscados dos judeus e foi, ainda mais, danificada no seu interior. Em junho de 1945, ocorreu a cerimônia de reabertura do templo diante da presença das forças aliadas, marcando assim o retorno à vida dos sobreviventes da comunidade judaica local. Em junho de 2012, celebrou-se o primeiro centenário do templo.

da guerra, mas não sabíamos o porquê da fuga dos judeus que vinham até Trieste. Papai era o representante de um grupo de libertação de judeus encaminhados diretamente a ele. Alguns ficavam hospedados em casa, sempre procurando uma forma para ir embora para algum outro país e recomeçar a vida.<sup>A</sup>

Eu tinha 12 anos, ninguém me contava nada. A impressão que tínhamos era de que todos os italianos do mundo eram fascistas. Nada se sabia e para nós, que nascemos naquele sistema maravilhoso até a promulgação das leis raciais, era inacreditável! Somente em 1938, quando começaram as perseguições aos judeus na Itália, meus pais passaram a nos falar sobre o antissemitismo. Mas, antes disso, ninguém falava a uma criança sobre o assunto, pois uma criança contava para as outras. Aí a polícia poderia baixar. Então, ninguém sabia de nada...

Éramos todos italianos, e, além do mais, meu avô viera da Boêmia. Estávamos muito bem integrados na sociedade triestina. Havia uma quantidade de coronéis e generais do Exército que eram judeus. Alguns eram médicos, engenheiros ou outra coisa. Éramos italianos que não iam à missa! Ressalto aqui que muitos judeus vieram à Itália diretamente da Palestina em período a.e.c. e se davam muito bem com os romanos. Então, de vez em quando, um imperador baixava uma lei contra os judeus, que fugiam para a Grécia ou iam para o norte. Depois, um imperador dizia não, ao perceber que os judeus faziam bons negócios... Então os chamava de volta. Por exemplo: os Caverini, a Noemia Caverini e toda família, eram da Palestina. Não passaram pela Inquisição na Espanha? Na Itália, inclusive, havia um importante grupo

A- Até 1938, os judeus triestinos sentiam-se relativamente seguros, sem perseguições antissemitas. Mesmo assim, alguns decidiram fugir para a Palestina, então sob o mandato britânico, onde existiam várias colônias de judeus. Entre estes estava Giorgio Voghera (1908-1999) que foi viver em Jaffa, regressando apenas em 1948. Em 1943, como escreveu Jan Morris (2001, p. 111-112), “os triestinos foram apanhados pela História: os nazistas apoderaram-se de Trieste. Algumas centenas de judeus conseguiram fugir para a Suíça ou mesmo para a Itália. Cerca de 700 triestinos judeus, porém, foram condenados à morte ou à deportação. Em 16 de outubro, ocorreu a batida no gueto de Roma, e 1.014 judeus foram capturados e deportados para campos de concentração nazistas, dos quais apenas 16 voltaram. Na verdade, 57% desses prisioneiros foram capturados fora do gueto, como em Montesacro, e oito deles pertenciam a quatro famílias, incluindo Funaro, Di Veroli e Cacaurrei”.

sefaradi. Lembro-me de que, durante a guerra, uma bomba caiu em uma casa onde existia, há séculos, um arquivo que foi destruído.

## ***Opções de fuga e emigração***

Um pouco antes da promulgação das leis raciais, em 1938, um senhor avisou meu pai da difícil situação que estava por vir para os judeus na Itália. Aconselhou-o a partir o quanto antes e se prontificou a ajudá-lo no que fosse possível.

Nós, jovens, nos unimos com outra sensação: agora, éramos diferentes e passamos a sentir essa diferença como judeus. Começamos a estudar o hebraico. Muitos foram para a Palestina, outros para a Austrália, os Estados Unidos e a França. Aqueles que foram para a Suíça se salvaram, mas quem decidiu ir para a França ou Polônia foi um desastre. Muitos tentaram ir embora. Nós fomos os primeiros a tentar...!

Meu pai, não sei por que, conversou com vários diplomatas, procurando os consulados que aceitassem emitir vistos para nove pessoas de uma mesma família. Estava preocupado com seus pais e o irmão que era casado e tinha um filho. Esse meu tio trabalhava com o conde Aguarona (que depois se tornou duque Aquarona e que deu o golpe em Mussolini, ficando ao lado do rei) que depois nos ajudou muito. Esse meu tio não conseguiu emigrar conosco, pois não conseguiu o visto. Foi muito difícil para ele que teve que ficar escondido com papéis falsos e um “nariz de judeu que não tinha tamanho”. Ele e a mulher faziam-se passar por católicos que vinham do sul, fugindo dos americanos. Aí, inverteram os papéis e assim se salvaram.

A escolha do país para onde imigraríamos foi muito discutida. Meu pai queria ir para o Egito. Minha mãe, prudentemente, dizia que era perto demais da Europa e que preferia ir para os Estados Unidos, mas o *affidavit* (quantia depositada como caução) para emigrar para lá era elevado e não tínhamos o dinheiro para isso. Estava fora de cogitação por causa das cotas. Tanto é que uma prima chegou a ir para os Estados Unidos, mas não direto. Foi primeiro para a Polônia e depois para os Estados Unidos.

Pensaram na Argentina, mas por lá as coisas não cheiravam bem. Pairava no ar um clima nazista, o que a gente sabia. Havia o Quênia: quase fomos para lá, pois surgiu uma



possibilidade, mas não deu em nada. O Egito nos receberia. Mas, finalmente, decidiram pelo Brasil, incentivados por uma enfermeira (judia alemã) que havia trabalhado com papai e cujo irmão morava aqui no Brasil. Esta lhe escreveu dizendo que o país era ótimo para se tentar uma nova vida. Nós não sabíamos nada a não ser que o Brasil exportava bananas, café e que tinha muitos macacos. Meu pai, muito preocupado, acabou indo para Suíça, pensando que poderia mandar dinheiro para o Brasil pela Cruz Vermelha.

A Itália foi dividida na guerra: o sul ficou com os Aliados e o norte nas mãos dos fascistas e alemães. Meu primo saiu da Suíça, mas voltou para ficar com os pais e salvá-los. Foram a Roma, onde ficaram escondidos até o final da guerra. A irmã de mamãe era Anita Seppilli, casada com Alessandro Seppilli. Todos eram chamados pelos apelidos, no diminutivo. Ele era professor indigenista e ela antropóloga que escreveu livros maravilhosos, um deles histórico, sobre a Amazônia. Aqui, ela também dava aulas de literatura italiana. Terminada a guerra, eles voltaram, porque, sendo professor universitário, foi transferido da cidade de Pádua, uma cidadezinha deliciosa, doce, perto da Toscana. Alessandro Seppilli havia lecionado em Mantova, no coração da Lombardia. Ele era socialista e, durante 11 anos, exerceu o cargo de prefeito. Eu retornei várias vezes à Itália para encontrá-los.

Papai procurou o cônsul-geral do Brasil em Trieste que, a princípio, disse que sim. À tarde este lhe telefonou dizendo que havia consultado as exigências do Itamaraty: “O Brasil só se interessava por judeus que fossem cientistas de renome internacional, qualidade que deveria ser comprovada”. A obtenção do visto, de acordo com as leis vigentes no Brasil, então governado por Getúlio Vargas (conhecido por sua postura fascista), prescrevia que somente pessoas conhecidas e valorizadas por algum fato importante poderiam receber visto para o país. Por sorte meu pai, médico, proprietário de um sanatório e autor de uma lista de publicações, livros e artigos no campo da medicina, pôde ser contemplado por seu currículo e também por possuir uma tela (pintura) de muito valor que ofereceu ao cônsul brasileiro. Para conseguir liberar o visto para o meu avô, não pudemos contar que ele era cego, vitimado que estava de glaucoma. Contamos com o silêncio e a colaboração dos funcionários da alfândega e da polícia de Trieste que fizeram de tudo para ajudá-lo. Uma pessoa cega não recebe passaporte. Assim, fizeram-no entrar pela porta de serviço do navio e o esconderam no camarote. Como ele andava muito bem, apesar dos seus 72 anos, e

Vozes do Holocausto

era um homem de porte, ninguém percebeu. Usava óculos escuros e caminhava com uma bengala. Fantástico!

Conseguimos obter o visto e embarcamos no navio Neptunia. Vieram conosco também os meus avós paternos. Antes de partirmos, fui ainda com meu pai até Verona para buscar uma carta de apresentação a ser entregue para o Prof. Dr. Carlo Foá, ex-catedrático da Faculdade de Medicina, que já havia emigrado para S. Paulo. Pudemos trazer todas as nossas coisas, apesar de o nosso visto ser de turista. Mamãe trouxe a biblioteca, que ainda conservo, móveis, cristais, quadros etc. Entre os nossos livros, contávamos com obras preciosíssimas.

Quando estávamos para embarcar no navio Neptunia que nos levaria para o Brasil, o chefe da polícia nos fez passar sem qualquer controle alfandegário, possibilitando que meu pai trouxesse, além de seus instrumentos de trabalho e objetos de valor que possuíamos, também uma soma de dinheiro maior do que a permitida pelas autoridades. Isso tudo nos

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL 34883  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso ..... **Alice Schwarzkopf - Pincherle** .....  
Admitido em território nacional em caráter ..... **temporário** .....  
(temporário ou permanente)  
Nos termos do art. .... **25** ..... letra ..... **a** ..... do dec. n. .... **3.010** .., de 1938  
Lugar e data de nascimento ..... **Fiume 10 / 10 / 1900** .....  
Nacionalidade ..... **italiana** ..... Estado civil ..... **casada** .....  
Filiação (nome do Pai e da Mãe) ..... **Emilio Schwarzkopf e Maria Treves - Schwarzkopf** ..... Profissão ..... **jornalista** .....  
Residência no país de origem ..... **Trieste** .....  
NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. .... **510002** ..... expedido pelas autoridades de **Polícia de Trieste** ..... na data **31 de Julho de 1936** .....  
visado sob n. ....

SELOS CONSULARES

Consulado ..... do Brasil em ..... **Trieste** .....  
**16** de **Fev** de **1939** .....  
O CONSUL: .....

ASSINATURA DO PORTADOR: *Alice Schwarzkopf Pincherle*

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Ficha consular de qualificação de Alice Schwarzkopf Pincherle, mãe de Nydia Licia Pincherle. Visto temporário emitido pelo cônsul-geral do Brasil. Trieste, 16.2.1939.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

ajudou muito, pois meu pai não pôde começar imediatamente a exercer sua profissão de médico no Brasil.

Os refugiados judeus que vieram para o Brasil nessa época eram de um nível cultural altíssimo. Todos trouxeram bibliotecas selecionadas com grandes pensadores, filósofos. Essa foi a marca registrada desse grupo que tinha uma outra mentalidade, distinta dos imigrantes italianos que para cá vieram no início do século XX. Papai trouxe todos os aparelhos radiológicos, o que deu uma certa confusão, pois esse material havia sido comprado na Alemanha e havia uma cláusula que estipulava que não poderiam sair da Europa. Quando chegamos aqui no Brasil, papai recebeu uma carta cobrando-lhe uma multa que foi paga. Trouxemos tudo, o que foi ótimo, pois as pessoas quando deixam seu país têm que levar sua casa junto. Nossas coisas são partes das nossas vidas. E isso nem todos que fugiram conseguiram fazer.

## ***O Brasil como destino***

Partimos de Trieste no dia 27 de abril de 1939 e chegamos no dia 12 de maio. Foi uma viagem muito triste. Não tivemos festas a bordo, nem comemorações. Nesse navio, havia muitos judeus e camponeses que iam para a Argentina, provenientes dos Alpes. Havia um passageiro que viajava com o cavalo e cachorro. Todos estavam fugindo de Hitler. Uns vieram para São Paulo, outros foram para a Argentina.

O navio Neptunia aportou primeiro em Recife, depois em Salvador e no Rio de Janeiro. Meu irmão Lívio Tulio escreveu que ficou “fascinado pela Baía de Guanabara” e também por ter sido recepcionado no porto por um colega da escola de Trieste, Glauco Iesi, que havia chegado ao Brasil alguns meses antes e vivia na cidade. Ele foi ao porto para nos dar as boas-vindas. Seguimos para o porto de Santos onde desembarcamos. Tivemos, de imediato, uma boa impressão do país. Conhecíamos outros judeus triestinos que, como nós, tinham buscado refúgio no Brasil. Desembarcaram no Brasil: meu pai, mamãe, meus avós, meu irmão e eu.

Nosso grupo dos refugiados italianos frequentava a Sinagoga da Abolição, minha mãe e meu irmão Tulio frequentavam a Congregação Israelita Paulista (CIP). O canto introduzido

pelo rabino Pinkuss<sup>A</sup> na CIP era regido pelo maestro italiano Mopurgo. Observação importante: a primeira locação da CIP foi na Rua Brigadeiro Tobias, antes de instalar-se na atual Rua Antônio Carlos, na Consolação.

Papai costumava me levar para assistir aos concertos e à companhia teatral no Municipal. As senhoras da alta sociedade ficavam escandalizadas ao verem uma menina de 15 anos no teatro. Eu passava grande parte do meu tempo no Teatro Municipal, voltando para casa depois das 23 horas com *blackout*, por causa da guerra. Naquela época, não havia o menor perigo. Em cada esquina, encontrávamos uma dupla de guardas: um homem e uma mulher fardados, que tomavam conta da população. Não tinham cara de militares pesados! Eram civis, não metiam medo. Mas a educação era bem diferente.

Lembro-me de que, durante o período guerra, uma vez por mês, promovíamos um concerto em nossa casa, em benefício de um ou outro músico. As pessoas pagavam uma certa quantia que depois era revertida em nome do artista. Assim, sempre vivemos no meio de artistas. Mamãe já tinha essa experiência trazida desde Trieste, quando, na época das temporadas líricas, os cantores iam todos para a nossa casa. Desde Lotte Lehmann, grande cantora alemã, até Adriano Stabile. Telefonavam para a mamãe e com ela repassavam as músicas. Mamãe acompanhava ao piano e papai cuidava da garganta deles, pois o vento de Trieste era terrível. Foi a partir dessa experiência que mamãe começou a fazer o mesmo tipo de reunião também aqui no Brasil.

**A-** A Sociedade Israelita Paulista (SIP) foi criada em 1936 por um grupo de judeus alemães radicados na cidade de S. Paulo. Como parte de uma rede de solidariedade e resistência ao nazismo, a SIP ajudou a manter vivas a religião e a cultura judaicas como uma das formas de sobrevivência dos judeus refugiados no Brasil. Entre os alemães fundadores estava o professor rabino Fritz Pinkuss que esteve diretamente envolvido com a causa dos refugiados judeus em S. Paulo oferecendo-lhes suporte financeiro, médico e orientação de vida na Congregação Israelita Paulista (CIP). A CIP, entidade que chegou a ter duas mil famílias de sócios, projetava-se como uma simbiose judaico-brasileira, capaz de somar os princípios do judaísmo aos valores nacionais. A língua portuguesa foi adotada pelos membros da SIP que, às sextas-feiras, assistiam aos cultos regulares. Segundo Pinkuss, “os que na semana anterior tinham chegado como ‘refugiados’, na próxima iam deixando de sê-lo, pois, efetivamente, a cada sexta-feira se encontravam amparados”. Durante os anos de 1942-1945, o professor Pinkuss ajudou os refugiados perseguidos pela Polícia Política como “súditos do Eixo” sob suspeita de serem “eixistas”. Uma das iniciativas da CIP foi providenciar um cartão de identificação para os seus associados ou então procurar a naturalização para aqueles que haviam entrado ilegalmente no Brasil ou que portavam o visto de turista com data de validade vencida. Ver PINKUSS, Fritz. *Estudar, ensinar, ajudar: seis décadas de um rabino em dois continentes*. S. Paulo: Livraria Cultura, 1995. p. 52, 60; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*. S. Paulo: Maaynot, 2013. p. 227-229.



*Nydia Licia Pincherle Cardoso*

## A “Colônia Mussolini”

Os judeus italianos que vieram para o Brasil naquela época era de um nível cultural altíssimo. Todos trouxeram suas bibliotecas selecionadas com grandes pensadores, filósofos etc. Essa foi a marca registrada desse grupo que tinha uma outra mentalidade, distinguindo-se daqueles que para cá vieram no início do século XX.

Nessa mesma imigração para o Brasil, vieram também os Brentani, entre os quais estava Gerda Brentani. Pintora, fez várias exposições sobre as casas de S. Paulo, desenhando com muito humor, um humor fantástico. Foi residir na Rua Oscar Freire, sendo casada com o proprietário da Arno, especializada em aparelhos domésticos. Renzo, filho de Gerda Brentani, nasceu em Trieste e, quando chegou ao Brasil, era ainda menininho. Tornou-se professor universitário, trabalhando no Hospital das Clínicas e no Instituto Ludovic como especialista em oncologia.

Havia também a família Nagelschmidt, cujos filhos ainda vivem. Richard Nagelschmidt era casado com a filha dos Stock, fabricantes do conhaque Stock de Trieste e cuja fábrica de bebidas foi, posteriormente, instalada aqui no Brasil.

Estava também em S. Paulo o professor Dr. Giorgio Schreiber, casado com Maria Romano Schreiber, e que havia sido meu professor na escola hebraica, em Trieste. Naquela época, ele, como muitos outros judeus, perdeu seu cargo na escola italiana e veio ser nosso professor de botânica e zoologia, de ciências. Enfim, era o professor mais querido que tínhamos. Lembro-me de que, quando saíamos para dar longos passeios, coletávamos folhas de plantas que guardávamos para que ele as classificasse. Portanto, foi um prazer reencontrá-lo aqui no Brasil.

Entre outros que chegaram ao Brasil nas décadas de 1930 e 1940 estava Fúlvia Di Segni, escultora e escritora, autora do livro de memórias *A longa trilha azul*, publicado em 1983. Seu filho é Cláudio Di Segni, arquiteto reconhecido. Por falar em memórias, lembrei-me também de Anita Salmoni, professora do Instituto Cultural Italiano, e que também escreveu seu livro de memórias *Você voltaria?*, publicado em 1979. Meu irmão, Lívio Pincherle (1924-1983), escreveu *Meus dois mundos: história de vida de um médico judeu ítalo-brasileiro*, que traz importantes informações sobre esse conturbado período de nossas vidas. Lívio

formou-se médico psiquiatra e especializou-se em terapia de vidas passadas.<sup>A</sup>

Retomando: a primeira vez que vesti calças compridas foi junto com Tatiana Chagas, neta do Carlos Chagas e descendente de americanos. Íamos ao MackMed, competição entre o Mackenzie e a Faculdade de Medicina, realizada uma vez por ano.

Meu pai não podia mais exercer a profissão de médico, por não ter seu diploma reconhecido no Brasil. Em busca de uma solução emergencial, ele entrou em contato com o barão de Fiori, que era professor na Universidade de S. Paulo. Este o apresentou ao jovem médico Dr. Miguel Centola, formado em radiologia e que queria abrir um consultório. Como papai havia trazido alguns aparelhos, abriram um consultório na Rua Xavier de Toledo. Miguel Centola assinava e papai ficou sendo seu auxiliar-técnico, o que foi difícil para ele que já tinha nome como cientista. Logo ficou conhecido, pois era um excelente radiologista. Ficou instalado ali durante anos.

Minha mãe, Alice Pincherle, teve muita dificuldade de adaptação no Brasil, muita mesmo. Ela era crítica musical, tocava piano e acompanhava os maiores cantores da Europa. No começo, foi um horror porque ela se apresentava a vários jornais e as pessoas respondiam: “Para que precisamos de uma doutora em ciências musicais ou que toca piano num concerto!”. Ficou frustrada e entrou em depressão. Foi uma coisa horrorosa! Inclusive, esteve doente e precisou operar o fígado, levando anos para se refazer. A salvação dela foi colecionar orquídeas. Tudo o que ela fazia era bem-feito. Então, começou a colecionar orquídeas, as híbridas. Ganhou

A- Uma larga produção de livros de memórias, escritos por esse grupo refugiados no Brasil após a promulgação das leis raciais na Itália, ajuda-nos a compreender esse período conturbado pelo fascismo antissemita na Itália após 1938. Entre esses, destacamos: PINKUSS, Fritz, op. cit., 1990; PINCHERLE, Livio Tulio. *Meus dois mundos: história de vida de um médico judeu ítalo-brasileiro*. Roswitha Kumpt, 1987; SEGNI, Fúlvia Di. *A longa trilha azul*. S. Paulo: s. n., 1980; HERSBERG, R. *O mundo do meu pai*. S. Paulo: s. n., 1994; SEGRE, Vittorio. *Recuerdos y aventuras: un judío afortunado en la Italia fascista*. Barcelona: Gedisa, 1990.

prêmios e diplomas de criação de plantas. Eu mesma dizia para ela: “As orquídeas vão te ajudar!”.

Finalmente ela vendeu a coleção de orquídeas e começou a dar aulas. Foi quando se firmou como uma profissional respeitada: ela sabia mais do qualquer outra pessoa. Muitos médicos mandavam doentes gagos para ela. Ela conseguia solucionar gagueira e problemas como do lábio leporino. Ela assistira a muitas aulas – como ouvinte –, não sei quantos semestres, seis ou três anos, na Faculdade de Medicina de Viena. Quando ficou viúva, foi para Viena e se formou em ciências musicais. Foi quando conheceu meu pai, que estava se formando em radiologia. Passou então a assistir às aulas de medicina. E quando papai começou a trabalhar, ela trabalhou um tempo em seu consultório. Ela tinha um conhecimento que nenhuma professora de voz poderia ter: o conhecimento médico. Tornou-se a melhor professora nessa especialidade. Deu aulas para todos os atores do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), como Sérgio Cardoso, Ziembinski, Leonardo Villar, Rubens de Falco, entre outros. Foi também professora no Escola de Artes Dramáticas [IAD] da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de S. Paulo. durante dois anos.

Meu irmão Tulio também estudou medicina em S. Paulo, na Escola Paulista, atuando como clínico geral e, depois, fez pediatria. Começou a usar hipnose e desta passou à análise transacional. Formou-se em Buenos Aires e em uma universidade americana. Tornou-se psiquiatra e fundou o Instituto de Análise Transacional em S. Paulo. Ele trabalhava no Hospital das Clínicas, onde conseguiu introduzir a hipnose na medicina. Passou para a regressão, quando conseguiu coisas maravilhosas. Através desse recurso, ele curava pessoas que tinham ficado por seis a oito anos num sofá, tentando contar a vida a um psiquiatra e não ficavam boas. As psicólogas ficavam loucas com ele. Ele adorava discussões. Dizia: “Vamos lá, vamos discutir!”. Quando chegavam ao Brasil, os psiquiatras americanos o procuravam: queriam saber quem ele era. Enfim, ele fez um trabalho muito bom, extraordinário.

Eu estudei primeiramente um ano no Colégio Dante Alighieri, até me acostumar à vida no Brasil. Meu curso de italiano não era reconhecido aqui. Depois, ouvi coisas que nunca havia ouvido na Itália: antissemitismo! Nunca ouvira isso na Itália. Eu ouvi e disse: “Não, não vou ficar. Aqui, todos são fascistas!”. Muitos dos italianos que haviam emigrado para o Brasil no início do século XX eram descendentes de pobres camponeses que deixaram

sua terra natal porque morriam de fome. Eles viram essa Itália progredir e que, de repente, virou uma potência. Claro que eles eram fascistas, aqueles que idealizaram o sistema, mas seguiam os ditames do regime: se Mussolini disse que os judeus não servem, então não servem. Pronto, acabou! Daí a minha presença no Colégio Dante Alighieri ficou muito desagradável: decidi não ficar na escola. Acabou!

Os alunos do Dante pertenciam a famílias dos italianos que enriqueceram no Brasil. Eram os filhos, os netos, e não havia como argumentar com eles. Aliás, eu não queria argumentar com ninguém. Eu quis ir embora e fui estudar no Mackenzie que era um oásis de liberdade na época. Era maravilhoso, por ser um colégio americano com outra mentalidade. Lá, eu vivi a mudança do ensino. No quinto ano de ginásio, você podia escolher a profissão que gostaria de seguir: pré de engenharia, pré de medicina ou então ir para comercial ou magistério. Você apenas tinha que escolher. Eu cursei justamente nesse momento em que o ginásio e o colegial passavam por estas mudanças: foi quando o sistema mudou para quatro anos de ginásio e três de colegial: o aluno deveria escolher se queria seguir o colegial clássico ou científico. Tudo isso foi muito bom! Uma época maravilhosa!

Mas uma outra dificuldade despontou no cenário político brasileiro: nós éramos italianos e, pelo fato de o Brasil ter entrado na guerra ao lado dos Aliados, nos tornamos inimigos perseguidos na Itália e no Brasil. Aqui éramos “os italianos do Eixo”. Uma coisa muito curiosa e muito estranha, principalmente para nós, judeus.

Eu frequentava a colônia judaica italiana, a “Colônia Mussolini” como dizíamos, pois nós viemos para cá “por ordem expressa” do *Duce*. Dávamo-nos muito bem com os alemães e os austríacos, pelo fato de termos estudado em Viena e de falarmos corretamente o alemão. Desse grupo participavam os Arno, Camerini, Levy, Arton, Forón, Calabi, Wilhelm, Calo, Brentani, Schreiber, Stock, entre outros. Minha filha trabalhou com Ricardo Brentani muito tempo: Ricardo e Eugene. Eu brincava com Ricardo, quando ele era desse tamanho, com apenas 11 anos, e ficava no carrinho. Vieram para cá o meu tio Alessandro Seppilli e a esposa Anita Seppilli, ambos professores universitários nascidos em Trieste, mas moradores em Pádua, onde ele lecionava. Dali foram para Mantova e depois emigraram para o Brasil. Alessandro Seppilli veio trabalhar como químico em um laboratório durante o período da guerra. Eles diziam sempre:



– Você chega de um país, se instala como se fosse viver o resto da sua vida... Depois, pega o primeiro navio e volta!

Foi o que ele fez assim que a guerra acabou: retornou para a Itália com a esposa, o filho e os pais. Na Itália conseguiu a cátedra de volta na Universidade de Modena e, depois, foram para Perugia onde meu tio havia sido eleito prefeito socialista pela segunda vez. O filho desse casal, meu primo, tornou-se professor das universidades de Florença e Perugia.

Eu não gostava da CIP, aquele prédio era um caixote. Estava acostumada com a sinagoga maravilhosa, enorme de Trieste e Turim. Eu gostava mesmo era da Sinagoga da Abolição, porque era pequena, bonita, e também da Sinagoga da Ponte, na Rua 9 de Julho. Mas a CIP era um caixote. Havia muita gente. O hebraico que ali era falado não me soava com o hebraico que conhecia. Em nenhuma sinagoga se fala o hebraico como na Itália.

Mas aí eu casei-me com Sérgio Cardoso (1925-1972), um católico, e a coisa complicou. Nem ele ia à igreja e nem eu à sinagoga. Ele tinha sido religioso e até estudado em colégio de padre. Mas, na hora que se casou com uma judia, acabou! Minha filha tem o nome do pai, nasceu no Brasil, mas se sente judia. É engraçado! Ela sempre defendeu os judeus. Sabe, às vezes ela diz que, se alguém falasse alguma coisa de antissemitismo, ela se dizia judia. Hoje ela é médica, cientista. Religião não funciona muito com ela, não.

Eu passei a falar português em dois meses, três no máximo. Eu me adaptei rápido. Mesmo no Dante, eu tive amigas. Tudo sempre tem dois lados. Meu irmão não se adaptou no Dante. Detestou e quis sair logo. Eu, no início, procurei me adaptar porque era muito parecido com a Itália. O ensino era em italiano e havia matérias diferentes que eu nunca havia cursado: Português, História do Brasil, Geografia do Brasil...

Mamãe costumava ouvir a Rádio de Londres todas as noites... ouvia a Europa. Meu pai também. Eu não: não seguia as notícias. Creio que porque eu já estava me adaptando aqui no Brasil e, então, não queria mais saber tanta coisa. Eu apenas queria saber como ia ficar a Itália e Mussolini. Enfim: eu torcia pelos americanos completamente.

Recordo-me sempre de uma prima de mamãe que tinha um defeito na perna: Lola Schwarzkopf. Ela foi presa no início da guerra e mandada para um campo de concentração, creio que deve ter sido Birkenau, não sei ao certo. Ela foi morta assim que chegou ao campo. Eles eram primos do lado Schwarzkopf. Os primos mais jovens de mamãe se salvaram:



Nydia Licia Pincherle Cardoso e o marido Sérgio Cardoso.

Fotografia: Hejo.

Acervo: Hejo; Pincherle Cardoso/SP; Arqshoah-Leer/USP.

uns foram para a Palestina, outros para a Iugoslávia, outros para os Estados Unidos. Nós já estávamos aqui no Brasil e mantínhamos contatos com os primos. Um desses primos, filho de Anita, ainda reside em Perúgia, e Scarelli está em Roma. De vez em quando me encontro com eles. Os outros foram para a Palestina, com os quais me encontrei uma ou duas vezes. Uma outra parente veio para cá porque era casada com o cônsul de Israel, no Rio. Ahava ou Liliana... não sei bem! Ela era filha de Gado Glass que chegou a ser embaixador. A irmã dela que mora em Milão, onde se casou com um católico. Não sei como, porque eram muito religiosos. E os primos que moravam na Palestina morreram todos também pela idade avançada.

## *De imigrante refugiada a atriz reconhecida*

Quando me formei, a guerra havia acabado. Fui convidada para ser secretária do cônsul-geral da Itália em S. Paulo: ele fazia questão de ter como funcionária uma judia para mostrar que agora “tudo havia mudado”. Eu trabalhei um ano e meio no consulado italiano até o momento em que chegou uma secretária de Roma para me substituir. Eles sabiam que eu era judia! A condessa Crespi, a velha, era muito chata. Mas o pessoal do consulado, não. Muito gentis e bons. Ao mesmo tempo, eu queria continuar minha carreira como cantora. Quando terminou a guerra, teve início em S. Paulo a primeira temporada de canto, 1946/1947. Foi quando veio Benemino Gillo, e eu cantei no palco do Teatro Municipal. Recordo-me de que na primeira fileira estavam: Benemino Gillo, Elizabeth Varbato, Hebe Spenani, Mario Dei Mônico e o maestro Guarnieri. Cantei duas áreas para eles ouvirem e darem a sua opinião. Acharam que eu devia continuar cantando, pois tinha possibilidade de carreira. Pedi-lhes que me indicassem professores na Itália, mas acharam que lá não havia ninguém: eu deveria ir para os Estados Unidos. Desisti na mesma hora, pois não tinha condições de viajar sozinha, sem dinheiro.

Por volta de 1947/1948, fiz traduções em um ateliê de desenhos de tecidos. Foi então que apareceu o professor Pietro Maria Bardi<sup>A</sup> para ministrar um curso de História da Arte, em um prédio ainda em construção, onde futuramente seria o Museu de Arte de S. Paulo. Soube que ele estava abrindo vagas para assistentes. Candidatei-me. Fui escolhida entre

A- Pietro Maria Bardi é considerado o realizador do sonho do empresário Assis Chateaubriand (1892-1968) de criar um museu de arte moderna em S. Paulo. Bardi, contratado como assessor de confiança, foi buscar na Europa destruída pela guerra o acervo que iria compor o atual Museu de Arte de S. Paulo (Masp), sediado no edifício projetado por Lina Bo Bardi, esposa de Pietro Maria. Conseguiu comprar importantes obras de Van Gogh, Rafael, Cézanne, Ticiano, Manet, Monet, Mantegna, Bellini, Velázquez, Rembrandt, Degas, entre outros, deixando assim sua marca naquela coleção que viria a ser a mais importante da América Latina. Algumas dessas obras merecem destaque: *O grande pinheiro* e *Rochedos de L'Estaque*, ambos de Cézanne, e *Retrato de conde-duque de Olivares*, de Velázquez. Fundado em 1947, o Masp foi idealizado por Assis Chateaubriand, empresário e jornalista, e Pietro Maria Bardi, jornalista e crítico de arte italiano. A princípio, instalou-se em quatro andares do prédio dos Diários Associados, império de Chateaubriand formado por 34 jornais, 36 emissoras de rádio, 18 estações de televisão, editora e a revista *O Cruzeiro*. *Chatô*, como era chamado, usava seu prestígio político-empresarial entre os grandes empresários da época para arrecadar os recursos para a aquisição das obras. Como S. Paulo era na época a grande capital financeira, principalmente por causa da circulação do dinheiro das indústrias e do café, decidiu-se que o museu seria construído nessa cidade.

cinco selecionados, sendo três judeus: Gabi Borja, Henrico Camberini, Flávio Motta e eu. Foi assim que trabalhei como a primeira assistente do professor Bardi durante um ano e meio. Nós “abrimos” o Museu de Arte Moderna de S. Paulo, idealizado pelo empresário e jornalista Assis Chateaubriand.

Depois me convidaram para dar um curso rápido sobre vitrines e moda no “Modas e Exposição Clipper”. Convidaram-me para ser assistente da *Viertovia*, recebendo mais do que o dobro do salário que eu ganhava no museu. Nessa época, meu pai estava doente e eu precisava ganhar um pouco mais para ajudar nas despesas da casa. Com muito pesar (eu adorava o Bardi), fui trabalhar na Clipper, onde permaneci até o momento em que fui para o teatro.

Foi quando apareceu a oportunidade de fazer teatro amador com Alfredo Mesquita que estava procurando alguém para representar o papel de uma moça eterna, meio diáfana, personagem da peça *À margem da vida*, de Tennessee Williams, autor ainda desconhecido no Brasil. Caio Caiubi, autor principal da companhia, disse a Alfredo Mesquita que conhecia uma moça que fazia esse tipo.

– Ah, a Nydia Licia? Aquela que trabalha no museu? – perguntou Mesquita, que me achou o “tipo perfeito”.

Mesquita achou-me o tipo perfeito. Minha estreia foi em 1947, ao lado de Marina Freire e Abílio Pereira de Almeida. Foi quando ingressei no Grupo Teatro Experimental (GTE), que a partir de 1948 passou a usar a sigla TBC – Teatro Brasileiro de Comédia, pois era em benefício das obras do prédio. Nesse mesmo ano, atuei no Grupo Universitário de Teatro (GUT), na Universidade de S. Paulo, em *O baile dos ladrões*, de Jean Anouilh, com direção de Décio de Almeida Prado.

Aos poucos, o TBC foi crescendo e ali passei a atuar como uma atriz profissional. Não que procurasse! A coisa foi acontecendo, e, de repente, precisavam de alguém para um papel, e eu estava lá, pronto. Assim aconteceu em 1949, quando fui chamada para substituir Cacilda Becker, grávida de quatro meses, em *Nick Bar*, de William Saroyan, em 1949. No ano seguinte, atuei em *Entre quatro paredes*, de Jean-Paul Sartre, ao lado de Cacilda, Carlos Vergueiro e Sérgio Cardoso, meu futuro marido. A seguir, vieram muitas outras peças: *Os filhos de Eduardo*, de Marc-Gilbert Sauvajan; *A ronda dos malandros*, de John Gay; *A*



Nydia Licia e Alfredo Mesquita ensaiando a peça *À margem da vida*, de Tennessee Williams. S. Paulo, 1947.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Pincherle Cardoso/SP; Arqshoah-Leer/USP.

*importância de ser prudente*, de Oscar Wilde; e *O anjo de pedra*, de Tennessee Williams. Incansável, trabalhava nos sete dias da semana, até que dei uma parada para casar-me com Sérgio Cardoso. No dia seguinte, estávamos de volta ao TBC, agora como um casal.

Fiquei grávida, mas mesmo assim parei apenas por 15 dias por ocasião do nascimento da minha filha Sylvia. Nessa ocasião, atuei em *Antígona* e, em 1952, fomos residir no Rio de Janeiro para integrar a Companhia Dramática Nacional. Sérgio, Sylvia e eu ficamos hospedados na casa de Procópio Ferreira. Trabalhei em três peças, cujos ensaios aconteciam ao mesmo tempo: *A raposa e as uvas*, dirigida por Bibi Ferreira; *A falecida*, por Sérgio; e *A canção do pão*, de





Nydia Licia e Cacilda Becker, s. d.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Pincherle Cardoso/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Raimundo Magalhães Jr., peça premiada. Em 1953, entrei para a TV Record, participando do elenco de *O personagem no ar* e *Romance*. No ano seguinte, criamos a nossa própria companhia, a Empresa Bela Vista, que exigiu a reforma do antigo Cine-Teatro Espéria, no Bixiga, em S. Paulo. Foi quando montamos a peça *Lampião*, de Rachel de Queiroz, no Teatro Leopoldo Fróes. Finalmente, em 15 de maio de 1956, inauguramos o “nosso” Teatro Bela Vista, com uma vasta programação: *Hamlet*, *Henrique IV*, *O comício*, *Chá e simpatia* e *O saci*.

*Nydia Licia Pincherle Cardoso*



Em pé à esquerda: Sérgio Cardoso e Nydia Licia. Sentada: Cacilda Becker, s. d.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Pincherle Cardoso/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Nydia Licia e Ziembinski, na peça *Ralé*, de Máximo Gorki.  
S. Paulo, 1951, Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Pincherle Cardoso/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Nydia Licia e Ziembinski, na peça *O grilo da lareira*, de Charles Dickens. S. Paulo, 1951. Fotografia não identificado. Acervo: Pincherle Cardoso/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Em 1958, atuei em *Vestido de noiva*, com direção de Sérgio e Ziembinski, também um refugiado no Brasil. A partir de 1960, passei a produzir teatro como produtora independente, mas com dificuldades para manter aberto o Teatro Bela Vista até sofrer uma ação judicial. Graças ao apoio dos meus colegas da classe teatral, consegui ficar com o teatro por mais um tempo. Acabou sendo fechado pela polícia, e, em 1971, fui obrigada a devolver para os seus proprietários. Esse processo culminou com a desapropriação do imóvel pelo governo do Estado de S. Paulo, que decidiu reformá-lo, transformando-o no Teatro Sérgio Cardoso.

No fundo tudo é assim. A gente pensa que dirige a vida? Dirige nada! A gente ajuda. Parece que está escrito. Vai fazer isso, isso e isso. Eu jamais pensei que escreveria vários livros, entre os quais *Ninguém se livra de seus fantasmas*, *Sérgio Cardoso: imagens de sua arte*, *Rubens de Falco: um internacional ator brasileiro* e *Leonardo Villar: garra e paixão*.<sup>A</sup>

Muito menos imaginei que daria aulas. Eu tenho horror a

A- Livros de autoria de Nydia Licia Pincherle Cardoso: *Ninguém se livra dos seus fantasmas*. S. Paulo: Perspectiva, 2002; *Depoimentos IV*. Rio de Janeiro: MEC, Funarte, SNT, 1978; *Sérgio Cardoso: imagens de sua arte*. Roteiro iconográfico organizado e comentado por Nydia Licia. S. Paulo: Imprensa Oficial do Estado de S. Paulo, 2004 (Coleção Aplauso Especial); *Rubens de Falco: um internacional ator brasileiro*. Depoimento colhido por Nydia Licia. S. Paulo: Fundação Padre Anchieta, Imprensa Oficial do Estado de S. Paulo, 2005 (Coleção Aplauso; Série Perfil); *Leonardo Villar: garra e paixão*. Depoimento colhido por Nydia Licia. S. Paulo: Fundação Padre Anchieta, Imprensa Oficial do Estado de S. Paulo, 2005 (Coleção Aplauso; Série Perfil).



*Nydia Licia Pincherle Cardoso*



Detalhe da capa do livro *Ninguém se livra de seus fantasmas*, de Nydia Licia.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Pincherle Cardoso/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Nydia Licia Pincherle  
Cardoso.  
S. Paulo, 1960. Fotógrafo não  
identificado.  
Acervo: Cedoc/Funarte.  
Disponível em: <<http://www.miguelarcanjoprado.com/wp-content/uploads/2015/12/nydia-licia-1960-cedoc-funarte.jpg>>. Acesso em: 31  
jul. 2017.

dar aula! E dou aulas há 15 ou 20 anos. Desde 1992, sou professora “de voz, de compreensão de textos, de leitura, de intenções”. Dei aulas por 15 anos no Departamento de Rádio e Televisão da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap) e no Teatro Escola Célia Helena, como professora de interpretação.

## ***Marcas da Europa***

O que mais me marcou na Europa? Eu acho que o antissemitismo na Itália. Ele acabou com a minha juventude, minha infância. Acabou, certo? De repente, aquilo que era meu de direito passou a não ser mais. Então, tudo mudou, porque quando você tem ilusões... você acha que a vida é linda. Eu adorava o nosso jardim, a nossa casa e as minhas amigas tudo. O mar...! Eu tinha paixão pelo meu mar: aquilo era meu. E de repente... eu perdi aquilo tudo. Fui obrigada a ir embora, sem saber para onde ia. Eu não quis saber de mais nada. Eu não aceitava! Eu chorava, tristíssima. Eu fazia parte daquilo tudo. Sabe o que significa perder uma coisa com 11 ou 12 anos de idade? Marca muito! Eu já era uma mocinha. Foi muito, muito triste! Para mamãe também, principalmente pelo lado cultural. Eu, por tudo que perdi! Mas, apesar dessas perdas, eu me acostumei com o Brasil...!<sup>A</sup>

Anos depois, quando voltei à Itália, achei ótimo rever coisas. Mas queria voltar logo para o Brasil. Minha vida era aqui, eu já havia mudado tudo! Meu irmão Tulio, por sua vez, ficou felicíssimo quando pôde retornar para Itália. Ele deu graças a D’us!

A- Nydia Licia Pincherle Cardoso faleceu em 12 de dezembro de 2015, em S. Paulo, às 4h30, aos 89 anos, no Hospital São Luiz, de câncer no pâncreas. A doença foi diagnosticada em agosto, e ela estava internada desde 20 de novembro.